

A organização urbana do povoado jesuítico-guarani Santo Ângelo Custódio.

Dhiúlia Rafaela Ciganski¹
Jeremyas Machado Silva²

Resumo: No presente estudo consideramos os aspectos relativos ao modo de organização urbana da Missão Jesuítica-Guarani de Santo Ângelo Custódio, com o objetivo geral de esclarecer como era a organização urbana desta redução no século XVIII, buscando explorar a relação existente entre história, urbanismo e arquitetura e as vantagens da aproximação destas áreas para desenvolver o interesse pelo Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul em sua relação com a comunidade contemporânea. No século XVII são fundadas povoações por iniciativa de ordens religiosas católicas que buscavam evangelizar os indígenas. As reduções seguiam organizações parecidas nos ordenamentos urbanos. A primeira experiência de implantação e as Leis das Índias influenciaram a organização destas. Os povoados missionários tinham algumas particularidades, sendo que a organização espacial das reduções pode ser dita de dupla influência: espanhola e guarani. Quadras regulares demarcadas por vias são identificadas na redução de Santo Ângelo Custódio e demais, também a praça e a posição de edifícios com mesma função, variando, às vezes, sua posição no povoado. Santo Ângelo Custódio enfrentou o declínio e seus vestígios materiais são estudados por arqueólogos, arquitetos e historiadores que buscam valorizar a historicidade e patrimônio do local.

Palavras-chave: Missões Jesuíticas-Guaranis; Santo Ângelo Custódio; organização urbana.

INTRODUÇÃO

Partindo de um olhar geral sobre as Missões Jesuíticas-Guaranis, integrantes do complexo contexto do processo de colonização da América, será abordado o modo de organização urbana da Missão Jesuítica-Guarani de Santo Ângelo Custódio com o objetivo de esclarecer como era a organização urbana desta redução no século XVIII, durante a segunda fase de ocupação. Considerando a necessidade de compreender a relação existente entre história, urbanismo e arquitetura, a área de formação anterior da acadêmica (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo), bem como as vantagens da aproximação destas áreas no desenvolvimento de estudos que esclareçam a organização urbana das missões Jesuíticas-Guaranis, se pode justificar a temática da abordagem. Busca-se ainda desenvolver o interesse pelo Patrimônio Histórico do estado do Rio Grande do Sul através da apresentação da Missão Jesuítica-Guarani de Santo Ângelo Custódio no século XVIII e sua organização urbana, mostrando a riqueza histórica do local e como se relaciona com a comunidade contemporânea. Foi utilizado o método dedutivo, com metodologia de natureza teórica e bibliográfica como técnicas para o desenvolvimento da pesquisa.

¹ Acadêmica de Licenciatura em História na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). E-mail: dhiuliaciganski@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor formador na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/UAB); Professor nas Faculdades Integradas Machado de Assis (FEMA); Professor no Instituto Educacional Dom Bosco. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Relações de Fronteira: História, Política e Cultura na Tríplice Fronteira Brasil, Argentina e Uruguai na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/DGP/CNPq). E-mail: jeremyassilva@unipampa.edu.br

MISSÕES JESUÍTICAS-GUARANIS: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

As Missões Jesuíticas-Guaranis, integrantes do complexo contexto do processo de colonização da América, podem ser analisadas desde diversos aspectos a partir da pluralidade das problemáticas envolvidas ao longo de todo o tempo em que participam e transformam a historiografia, sobretudo aquela que trata do território mais ao sul do Brasil e da América. Inseridas na fronteira platina, que teve os primeiros registros de ocupação pelos colonizadores datados ainda do século XVI, período em que o domínio territorial dos espanhóis estava assegurado pelo Tratado de Tordesilhas, a região somente atraiu o interesse dos colonizadores europeus mais tardiamente. Ademais, empregou-se neste trabalho o conceito “fronteira platina”, porquanto, outros termos não descrevem a complexidade do território analisado e as especificidades do referido espaço.

A fronteira platina é um espaço estabelecido historicamente – principalmente por ter alicerces políticos – e que produz um sentido histórico à sociedade por ser deliberada como uma região e por encontrar-se em contínuo movimento de transformação, essencialmente, em mudança, se considerado o sentido dialético hegeliano. (Silva, 2023, p. 43)

Por terem sido implantadas no espaço da fronteira platina, as Missões Jesuíticas-Guaranis tomaram parte importante na historicidade deste local e foram determinantes na formação e consolidação do espaço, assim como sofreram as influências do território.

No início do século XVII a América hispânica passa por uma nova fase em que são fundadas povoações espalhadas por uma grande área desde Assunção. Assim, “a partir de núcleos já consolidados, sobretudo *Asunción*, teria início uma série de fundações de *pueblos* espalhados por uma área considerável e com novas orientações no tocante às suas atividades econômicas” (Barcelos, 2002, p. 96). Estes novos núcleos seguirão caminhos diferentes em relação às primeiras formas de colonização empregadas, inclusive no que se refere às atividades econômicas vinculadas a seus territórios. Isto aconteceu por se tratar de uma iniciativa de ordens religiosas católicas que buscavam converter para o cristianismo os indígenas daquele território e integrá-los aos hábitos e sociedade como os europeus concebiam (Barcelos, 2002). Ainda que Franciscanos e Jesuítas tenham participado deste processo, “[...] destacam-se os membros da Companhia de Jesus e o resultado alcançado por estes junto aos índios Guaranis da antiga Província Jesuítica do Paraguai” (Barcelos, 2002, p. 97).

Na busca por melhor compreender o contexto da implantação das missões é preciso olhar ainda para a figura do Padre Jesuíta, integrante da Companhia de Jesus, que é alvo de muitas discussões, especialmente no que se refere ao papel desempenhado pelo padre missionário nas reduções e seus objetivos. Desde o tempo em que atuaram como missionários na fronteira platina até a atualidade, as interpretações acerca destas questões variam muito de acordo com os autores.

Como apresenta Kern:

No século XVIII, os missionários foram combatidos pelos filósofos iluministas, anticlericais e defensores do liberalismo. Eram acusados, então, de terem criado um império teocrático baseado no comunismo e na escravidão do indígena, concebido para satisfazer uma monstruosa vontade de poder, num pequeno inferno político. Já no século XX, foram transformados em precursores do marxismo, por terem tolerado a comunidade da terra, organizado a distribuição autoritária dos bens de consumo e uma economia sem moeda, numa "República Guaraní" independente. (Kern, 1982, p. 10)

Sendo representados ou interpretados de forma muitas vezes completamente contraditória, os padres jesuítas já foram retratados de maneiras bem diversas. Assim, podemos colocar que a presença dos padres jesuítas e sua importância, bem como o papel histórico que desempenharam nas reduções e intenções e objetivos, ainda continuam sendo debatidos e problematizados, sendo que “[...] no caso específico dos Trinta Povos, somente pode ser compreendido se levarmos em conta esta sua dupla função política de representantes da Igreja e do Império” (Kern, 1982, p.97).

Ao tratarmos sobre as reduções Jesuíticas-Guaranis pode ser importante esclarecer a origem do termo empregado tantas vezes: “redução”. De acordo com Custódio: “A origem do termo, redução vem do latim, *reducere* (reduzir), e designa o vínculo entre uma ação de catequese e um local específico” (Custódio, 2002, p. 44). O processo de implantação de uma redução pressupunha, assim, a sedentarização dos indígenas, sua vinculação a um espaço determinado, de acordo com os interesses dos padres jesuítas para que os objetivos da missão evangelizadora pudessem ser concretizados da melhor maneira possível.

Sobre os indígenas Guaraní, que formaram o contingente das Missões Jesuíticas-Guaranis, Custódio coloca que “[...] eram grupos provenientes da Amazônia que andavam em constante movimento, em busca de um lugar ideal” (Custódio, 2002, p. 46). As razões para esse movimento no território podem estar relacionadas tanto com a busca de terras não cultivadas e / ou com maior disponibilidade de recursos naturais, quanto com a busca por uma “terra sem mal”, no sentido de um lugar mitológico idealizado. Conforme Barcelos “esta procura de uma terra “com recursos” chegou a ser confundida com a procura de uma terra “sem mal” e isto significaria mito e economia confundindo-se em um único momento” (Barcelos, 2002, p. 98).

A organização social dos Guaraní era na forma de grupo social que se estruturava a partir de famílias numerosas, onde o pai, o avô ou outro antepassado exerce o papel central. A hierarquia é respeitada em relação aos assuntos econômicos, políticos e de guerra, sendo que as capacidades do chefe determinam a força do grupo, que partilha a tomada de decisões e o trabalho.

A unidade social fundamental dessa cultura é a família extensa, agrupada em torno do pai, do avô ou de um antepassado mítico que dá origem à linhagem. Do prestígio do chefe e de sua capacidade de agregação, depende a força econômica e política do grupo e sua expressão em caso de guerra. O trabalho e as decisões são comunitários. (Custódio, 2002, p. 76)

Quanto ao modo de vida, os Guarani eram principalmente agricultores e também ceramistas, caçadores, coletores e pescadores. “Do território o Guarani retira seu sustento, por meio da caça, da coleta e eventualmente da pesca” (Custódio, 2002, p. 76). Conforme visto, os Guarani eram nômades também por sua própria cosmovisão, no entanto “[...] foi com os Guarani que os jesuítas desenvolveram o maior sistema reducional da Província do Paraguai” (Custódio, 2002, p. 47). Fatores que podem ter sido decisivos para o sucesso dos padres jesuítas na empreitada da instalação das reduções com os Guarani são a maneira como este povo desenvolvia sua prática agrícola e esse movimento de busca de um “lugar sem mal”, uma vez que existe uma intenção implícita de se fixar em um local que promova as condições para uma existência que seja considerada ideal. Assim se estabeleceram os contatos e relações entre jesuítas e guaranis, de forma que a implantação das reduções seguiu prosperando através do território platino.

O papel fronteiro das missões passa a se acentuar a partir do conflito entre as diferentes e muitas vezes contraditórias atividades de ocupação do território desenvolvidas pelos jesuítas, guaranis e bandeirantes. “Após aproximadamente quatro décadas de investidas bandeirantes sobre as reduções jesuíticas do Guairá, Itatim e Tape, os missionários recuaram suas “fronteiras” para a zona interfluvial dos rios Paraná e Paraguai.” (Barcelos, 2002, p. 104) Os portugueses, por sua vez, estabeleceram a Colônia do Santíssimo Sacramento em ponto estratégico do Rio da Prata e direcionaram esforços para a ocupação da banda oriental do rio Uruguai com interesse na participação do forte movimento comercial de Buenos Aires. A reação hispânica a esses movimentos foi parte importante no conflito bélico e diplomático entre Espanha e Portugal que se estendeu ao longo do século XVIII (Barcelos, 2002).

Após o combate de Mbororé, ocorrido em 1641, “[...] no qual se destacou o recém criado exército guarani, que a atividade escravagista dos paulistas diminuiu sensivelmente na bacia platina” (Kern, 1982, p. 13). Nesta batalha, os Guarani conseguiram desempenho considerável durante a ação contra os portugueses, levando os bandeirantes paulistas a se afastarem do território (Kern, 1982). Neste contexto, ocorre uma mudança significativa na sociedade local:

Estabeleceu-se um período de calma interna, no qual as consequências dos conflitos anteriores, os novos valores nascidos da integração da cultura indígena com a espanhola, as relações econômicas e militares, que se desenvolveram com a sociedade colonial e o crescimento demográfico, deram origem - e só então - ao que se convencionou denominar de modo um tanto idealizado de "Trinta Povos". A organização política, que se delineava gradualmente, finalmente se estruturou, com seus próprios regulamentos locais. (Kern, 1982, p. 12)

É particularmente interessante notar que as relações que se desenvolvem a partir do complexo contexto histórico nesta fronteira são específicas e diferem do que pôde ser verificado na maioria das frentes de expansão colonial luso-espanhola:

Ao contrário do que aconteceu na maioria das frentes de expansão colonial luso-espanhola, o resultado não foi a extinção ou a mestiçagem das etnias tribais atingidas, mas a absorção pela sociedade colonial espanhola dos grupos tribais guaranis sob a forma de uma aculturação progressiva. (Kern, 1982, p. 13)

Da mesma forma concorda Barcelos, quando afirma que “afiançando a fronteira hispânica na região platina, as reduções integravam-se e eram integradas cada vez mais ao mundo colonial espanhol” (Barcelos, 2002, p. 104).

De maneira consciente ou não para os envolvidos, jesuítas e indígenas, a ação dos Padres da Companhia de Jesus combinou elementos culturais dos Guarani e planejamento, buscando a implantação das reduções na fronteira platina em uma estratégia para garantir a expansão controlada de seus núcleos urbanos.

A ORGANIZAÇÃO URBANA DO POVOADO JESUÍTICO-GUARANI SANTO ÂNGELO CUSTÓDIO

A partir do olhar sobre as produções que tratam dos processos de implantação das reduções jesuítas, é possível considerar que a organização dos povoados aconteceu de maneira semelhante, em muitos aspectos, entre um e outro. Conforme Kern, “muitos escritores que entraram em contato com os planos das povoações missionárias, alguns desenhados pelos próprios padres, se espantaram com a similitude existente entre eles” (Kern, 1982, p. 208).

A primeira experiência reducional ocorreu em 1576, quando os jesuítas fundaram a redução de Julí, localizada entre o Peru e a Bolívia, que “[...] possuía como base de sua organização espacial um conjunto de ruas retas estruturadas ao redor de uma praça quadrangular central, quatro igrejas e quatro bairros” (Custódio, 2002, p. 78). Além desta primeira experiência de implantação de uma redução, que pode ter servido como referência para as reduções fundadas posteriormente, os padres jesuítas tinham como instrumento as chamadas “Leis das Índias”, uma “[...] recompilação das diferentes diretrizes gerais e Ordenações estabelecidas para a organização colonial espanhola, reunidas em nove livros, com diferentes títulos, acerca de aspectos administrativos, econômicos, políticos e sociais [...]” (Custódio, 2002, p. 70).

No que diz respeito ao ordenamento urbano, a redução jesuíta “pode ser considerada como uma variante da organização espacial espanhola adequada a uma situação política e administrativa própria” (Custódio, 2002, p. 74). A intenção do desenho buscava transparecer ideais europeus de civilização, sendo que “[...] a visão de conjunto era aquela de uma ordem perfeita, absoluta e definitiva que se traduzia pela regularidade e pela simetria. Um tabuleiro de linhas retas paralelas que se cortam em ângulos retos” (Kern, 1982, p. 208).

A partir deste ponto é possível notar a influência que as Leis das Índias podem ter exercido sobre a organização das reduções jesuítas, uma vez que as povoações de traçado regular ortogonal,

com malha estruturada a partir de uma praça central em que se cruzam duas ruas principais e com edificações representantes dos três poderes ao redor (político, religioso e econômico se misturando às vezes), são o traçado básico da tipologia desenvolvida nos locais onde a Espanha colonizou a América (Custódio, 2002).

Observando as características adotadas pelos colonizadores e a transformação do conceito de organização das cidades e urbanismo que ocorre até os dias atuais, “[...] pode-se perceber como as cidades coloniais americanas tiveram como ponto de partida o plano e a ideia de “cidade” que se imaginavam em pleno início da Idade Moderna” (Kern, 1982, p. 211). O modelo adotado tinha se desenvolvido na Espanha, na época da Renascença, e sofreu algumas adaptações e aperfeiçoamentos para se adequar ao novo território em que seria implantado. Este modelo “trazido da Espanha, na época da Renascença, sofreu no continente americano algumas adaptações e aperfeiçoamentos” (Kern, 1982, p. 211). Quanto as características comuns entre os núcleos de povoamento urbano de colonizadores hispânicos e as cidades renascentistas espanholas, podemos citar as seguintes:

a) um traçado das ruas em forma de tabuleiro, com quadras de forma quadrada ou retangular; b) a praça principal, ou plaza mayor, formada por uma destas quadras sem construir; c) na plaza mayor: a igreja, o Ayuntamiento (ou Cabildo) e a Gobernación ou seu equivalente; d) os lados da praça central possuíam arcadas e mesmo as ruas que dela saíam; e) se houvesse outras fachadas principais ou igrejas, deixava-se frente a estas uma pequena praça, ou plazuela. (Kern, 1982, p. 211)

Falando especificamente sobre a implantação seguida pelas reduções jesuítas, podemos descrever com um texto que serviria como “guia” para a compreensão da organização do povoamento urbano missionário característico:

Em cada quadra, casas baixas que se separaram por ruas paralelas. Ao centro, uma praça, junto a qual se erguem a igreja, a “casa dos padres”, a “casa das viúvas”, as “lojas públicas”, o local de reunião do Cabildo. Algumas vezes as ruas eram plantadas com árvores e mesmo algumas arcadas podiam ser encontradas nas povoações mais desenvolvidas. Cada uma destas quadras estava sob o controle dos varistas do Cabildo, bem como dos Caciques, pois estes últimos mantinham toda a sua autoridade face às famílias dos guerreiros que eram seus súditos. Na praça central, a igreja dominava o Povo inteiro, simbolizando o predomínio da ideia religiosa sobre a comunidade e materializando a autoridade dos missionários sobre o conjunto da Missão (Kern, 1982, p. 209).

Com base na análise da organização urbana da redução de Santo Ângelo Custódio, podemos observar a intenção dos missionários jesuítas de criar um espaço que não apenas atendesse às necessidades da comunidade, mas que também refletisse os valores europeus do período.

Ao destacar essas diferenças entre espaço urbano e rural, Kern fala sobre a organização espacial dos povoados missionários, afirmando que embora “[...] semelhante entre todas as Missões no que diz respeito à parte urbana, diferencia-se em muito quanto à área rural, pois não

eram todas as que possuíam ervais e estâncias de gado, plantações de algodão ou vinhedos” (Kern, 1982, p. 210). Um aspecto comum nas áreas rurais das reduções, porém, era a demarcação de “[...] propriedades particulares (ou dos caciques) e a da comunidade [...], bem como pequenos currais” (Kern, 1982, p. 210).

Embora a organização espacial das reduções e dos demais povoados de colonização espanhola seguissem traçados semelhantes, em grande parte por influência da cultura europeia da qual foram também resultado, os povoamentos missioneiros tinham algumas particularidades, não apenas entre si, mas também não eram iguais aos outros agrupamentos hispânicos (Kern, 1982). Como exemplos das particularidades desenvolvidas nos povoamentos missioneiros, podemos notar a presença, de casas comunais que ficavam sob a liderança dos caciques, traço importante da cultura dos Guaraní. Assim, “a manutenção das grandes casas comunais sob a liderança dos Caciques persiste como um traço cultural importante na vida dos Guaranis” (Kern, 1982, p. 212), organização utilizada pelos jesuítas também como estratégia de “adaptação cultural” que alcançou resultado efetivo

A origem da organização espacial das reduções se apresenta, assim, como sendo de dupla influência: “Espanhola no seu aspecto externo e na disposição espacial das ruas e quadras, a Missão mantinha internamente, no interior das casas, a forma de organização social tradicional das tribos Guaranis” (Kern, 1982, p. 212).

No que diz respeito à redução de Santo Ângelo Custódio, que foi a “[...] última das reduções jesuíticas implantadas na Região Platina Oriental” (Rech, 2010, p. 2), podemos destacar que sua fundação se situa temporalmente no século XVIII, sendo que “foi definitivamente instalada no ano de 1707, onde hoje se encontra o atual município de Santo Ângelo” (Rech, 2010, p. 2).

Apresenta Domanski, falando sobre o grande desenvolvimento do povoado de Santo Ângelo Custódio, que a redução “em seu auge, chegou a ser habitada por, aproximadamente, 5.400 pessoas, onde se desenvolveram atividades econômicas bastante significativas, predominando o cultivo de erva-mate e algodão” (Domanski, 2013, p. 11). Além dos aspectos econômicos, conforme a forma de proceder dos padres jesuítas, outras atividades eram desenvolvidas pelos Guaraní que povoavam a redução. Santo Ângelo Custódio “foi considerada, pelos jesuítas e viajantes que presenciaram seu desenvolvimento, como uma das mais belas e prósperas reduções” (Domanski, 2013, p. 11).

Quanto a organização espacial urbana da redução, podemos notar similaridades com os planos e diretrizes gerais adotados nas demais reduções, embora com algumas particularidades. Rech apresenta a organização geral do povoado:

O mais novo dos Trinta Povos, reproduzia a constituição urbanística preconizada nas demais reduções, tendo seu núcleo urbano concentrado ao redor de sua praça central,

rodeada no seu entorno Norte pelo complexo do cemitério, igreja, pátio do colégio, pátio das oficinas e quinta, sendo os demais lados da praça circundados por casas de índios, capelas, cabildo e cotiguaçu, além de outras instalações periféricas. (Rech, 2010, p. 3)

Como uma das características que diferenciam Santo Ângelo Custódio dos outros núcleos urbanos missionários, podemos citar que “todas as igrejas dos outros povoados estavam voltadas para o norte, no entanto, a de Santo Ângelo Custódio tem sua frente voltada para o sul” (Domanski, 2013, p. 30).

A edificação que abrigava a igreja, localizada em uma das faces da praça, trazia características próprias desde a forma morfológica e dimensões da construção. Conforme Baptista: “as representações referentes às igrejas em circulação nos povoados missionários costumam reforçar o caráter sagrado dessas construções” (Baptista, 2015, p. 43) e assim o edifício procurava traduzir o sentido que os padres jesuítas queriam atribuir ao local. A materialidade empregada na igreja de Santo Ângelo Custódio foi a mesma utilizada nas demais edificações com funções importantes para a redução: “suas edificações mais imponentes e centrais foram construídas com as rochas predominantes na geologia local – basalto, itacuru e arenito [...]” (Rech, 2010, p. 3). Para o acabamento externo da igreja o padrão empregado foi o mesmo utilizado nas igrejas de outras reduções: “No seu exterior as igrejas são pintadas de um branco extraído de caracóis moídos ou da tabatinga, um barro esbranquiçado” (Baptista, 2015, p. 46).

A praça de Santo Ângelo ficava na frente da igreja, como já visto, sendo que era circundada pelos demais edifícios que desempenhavam papel de destaque na redução e dali se estruturavam as outras construções alinhadas pelas vias. “Não possuindo vegetação, conforme dados iconográficos, a praça era delimitada segundo as proporções do povoado e também era o principal local de trânsito diário” (Domanski, 2013, p. 28).

Entre as edificações que formavam a estrutura básica das missões Jesuíticas-Guaranis, ainda está a casa dos padres ou claustro. “Com pouco conforto e multifuncionais, os claustros eram erguidos ao lado da igreja, entre as oficinas de trabalhos artesanais” (Domanski, 2013, p. 25). Pertenciam assim, ao conjunto de edificações que ladeavam a praça. As oficinas também integravam o mesmo conjunto e eram o local onde os indígenas, sob a condução dos padres jesuítas, desempenhavam uma série de tarefas manuais:

Ao lado do claustro estavam as oficinas onde havia espaços para aprender os variados ofícios artesanais, dentre os principais, a escultura e a pintura. Desde os primeiros contatos, os missionários ficaram impressionados com as habilidades dos índios para os trabalhos artesanais; imagens sacras e utensílios para uso na igreja eram confeccionados por eles mimeticamente, com base nas peças originais. (Domanski, 2013, p. 26)

Além de oferecer um espaço adequado para a realização das atividades artesanais, as oficinas, que contavam com um espaço aberto no interior da edificação, tinham outros usos, servindo para favorecer as práticas de “educação proposta para as crianças e, principalmente, por

ser uma forma de manter a comunidade em permanente atividade sob os olhares vigilantes dos padres” (Domanski, 2013, p. 26).

Outro local de importância para o povoamento missioneiro, contado entre as construções “principais” era o cabildo: “sede do governo do povoado, onde jesuítas e representantes dos índios eram responsáveis pela administração [...] tinha funções de organização e gerência da comunidade” (Domanski, 2013, p. 27). Em Santo Ângelo Custódio, como geralmente nas demais reduções, o cabildo estava locado em uma das faces da praça, sendo que fazia frente para esta, no sentido noroeste.

Na redução de Santo Ângelo Custódio o edifício que abrigava o cotiguaçu estava locado em uma posição diferente do que geralmente é atribuído nos textos que descrevem o ordenamento das reduções Jesuíticas-Guaranis, estando na direção sudoeste em relação à praça. Assim, “na planta desenhada por Cabrer, o cotiguaçu aparece ao fundo da redução, colocando em dúvida a tese de que essa edificação ficava geralmente à direita ou à esquerda da igreja” (Domanski, 2013, p. 30), situação que pode ser verificada, por exemplo, na planta de São Miguel Arcanjo, com o cotiguaçu situado em um dos conjuntos que ladeiam a igreja. Sobre a função e modo de construção do cotiguaçu, esclarece Domanski: “com uma edificação diferenciada, o cotiguaçu possuía um pátio interno e a comunicação com o povoado era feita através de uma porta que tinha trancas internas e externas, onde a entrada e saída era controlada por um porteiro” (Domanski, 2013, p. 27).

As casas dos indígenas que circundavam imediatamente a praça central eram construídas com alvenaria de pedra-grês e esteios de madeira. As casas que ficavam nas periferias da praça, no entanto, foram construídas de esteios de madeira sustentados por discos de pedra basalto que ficavam enterrados a 1,5 metro de profundidade, sendo que o fechamento utilizado era taipa de barro e palha. As casas de taipa não tinham alicerce e a cobertura era feita com telhas de barro (Rech, 2010). As informações quanto ao estilo construtivo foram obtidas através de pesquisa arqueológica. Conforme Rech:

[...] estão sendo identificadas as evidências dos esteios de madeira das inúmeras casas de índios que circundavam a praça central da antiga redução e já pode ser inferido que as casas que faziam face à praça eram construídas parte em alvenaria com colunas de pedra-grês e esteios de madeira, enquanto que as casas mais periféricas eram construídas integralmente com esteios de madeira sustentados por discos subterrâneos de pedra basalto e eram erguidas com taipa de barro e palha, sendo que os esteios de madeira eram suportados por discos de pedra basalto a cerca de 1,5m de profundidade. Estas casas de taipa não tinham alicerces e suas paredes eram de taipa com telhado coberto com telhas de barro. (Rech, 2010, p. 9)

Mesmo que o estilo construtivo fosse diverso daquele utilizado pelos povos indígenas anteriormente e orientado pelos jesuítas, “dentro das características culturais dos indígenas, foi mantido o assoalho de chão batido e o fogo permanecia aceso no centro da casa” (Domanski, 2013,

Jesuítica-Guarani de Santo Ângelo Custódio seguiu sem nenhuma ação maior deliberada de preservação enquanto houve “[...] distribuição de sesmarias na região a paulistas, bem como a posterior imigração de alemães, italianos, poloneses e outros grupos vindos da Europa que deram início à moderna cidade de Santo Ângelo” (Rech, 2010, p. 4).

Os contornos da cidade de Santo Ângelo seguiram ordenados a partir da praça central missioneira e mesmo as igrejas construídas posteriormente foram implantadas no mesmo local em que ficava a igreja de Santo Ângelo Custódio da redução (Rech, 2010). Também “[...] os vestígios da redução missioneira foram desmantelados e utilizados na construção de prédios públicos e privados de Santo Ângelo” (Rech, 2010, p. 4). Após este período de repovoamento, os vestígios materiais das missões Jesuíticas-Guaranis ficaram desconhecidos de grande parte dos moradores de Santo Ângelo:

[...] por muito tempo a população local moderna não tinha conhecimento da existência dos remanescentes de uma ocupação jesuítico-guarani em seu subsolo devido ao fato de não sobreviverem vestígios aparentes em superfície. Coube às pesquisas arqueológicas recentes e às consequentes atividades de extensão e educação patrimonial o papel de divulgar essa história à comunidade. (Rech, 2010, p. 4)

A ação dos profissionais pesquisadores envolvidos no processo de resgatar os vestígios materiais e a importância histórica e cultural da Missão Jesuítica-Guarani de Santo Ângelo Custódio (que ficou no desconhecimento da comunidade por longo período) está buscando valorização para o patrimônio remanescente, sendo que muitas ações envolvendo profissionais, estudantes e a comunidade em geral têm ganhado destaque nos últimos anos através de meios e propostas variadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inseridas na fronteira platina colonial, as Missões Jesuíticas-Guaranis tomaram parte importante na historicidade deste local e foram determinantes na formação e consolidação do espaço, assim como sofreram as influências deste. A ação dos padres jesuítas da Companhia de Jesus combinou elementos culturais dos Guarani e planejamento próprio, buscando desenvolver uma expansão controlada de seus núcleos urbanos. Além das primeiras experiências de implantação de uma redução, que podem ter servido como referência para aquelas fundadas posteriormente, é possível notar a influência que as Leis das Índias sobre a organização destas, uma vez que as povoações de traçado regular ortogonal com malha estruturada a partir de uma praça central em que se cruzam duas ruas principais e com edificações principais ao redor, são o traçado básico da tipologia desenvolvida nos locais onde a Espanha colonizou a América, o que se repete com os povoamentos missioneiros. O modelo desenvolvido na Espanha, no período da Renascença, foi adaptado na América. Embora a organização espacial dos demais povoados de

colonização espanhola seguissem traçados muito semelhantes, os povoados missioneiros tinham algumas particularidades entre si e também comparadas aos outros agrupamentos hispânicos, talvez porque seguiam uma organização espacial de dupla influência: espanhola e Guaraní, assim como estavam sujeitas aos objetivos e planejamentos dos padres jesuítas, que diferiam dos demais colonizadores principalmente quanto ao caráter evangelizador.

A organização espacial das reduções, com as casas indígenas em “quadras” demarcadas por vias é identificada na redução de Santo Ângelo Custódio e nos demais povoados missioneiros, bem como a presença da praça central e a posição de edifícios com a mesma função e uso (igreja, claustro, cemitério, oficinas, cabildo, cotiguaçu e quinta), que se repetiam, variando, quando muito, sua posição dentro do povoado.

Fica evidente a relevância histórica das Missões Jesuíticas-Guaranis na fronteira platina e a complexa e importante relação entre cultura indígena e planejamento urbano, enfatizando a contribuição dos indígenas e do modelo de redução Jesuítica-Guarani para a formação do território e da sociedade locais. A análise dos dados indica que a organização espacial das reduções missioneiras era fortemente influenciada por padrões espanhóis, mas também por alguns costumes indígenas. A herança das missões jesuíticas-guaranis continua presente em muitos aspectos da vida contemporânea de Santo Ângelo e da região, tanto na morfologia da cidade, nos vestígios das construções missioneiras, quanto nos costumes entrelaçados das culturas que se encontraram ao longo do tempo nesse território.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Jean. Dossiê Missões: Volume I. O Temporal: sociedades e espaços missionais. 2ª Edição. Brasília: IBRAM, 2015.

BARCELOS, Artur H.F. Os Jesuítas e a ocupação do espaço platino nos séculos XVII e XVIII. Revista Complutense de História de América, Madrid, 26, p. 93-116, 2000.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. A Redução de São Miguel Arcanjo: Contribuição ao Estudo da Tipologia Urbana Missioneira. 2002. 199 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

DOMANSKI, Andressa. Arqueologia Histórica nas Missões de Santo Ângelo: Representações dos Dirigentes Municipais sobre as Escavações Arqueológicas e Políticas Públicas de Patrimônio (2006-2007). 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

GUIDOLIM, Elisângela et al. 1707: Redução Jesuítica de San Angel Custódio. Disponível em: <<https://tour360.zanzara3d.com.br/reducao-jesuistica/>>. Acesso em: 25 out. 2024.

Uruguay KERN, Arno Alvarez. Missões: uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. KERN, Arno Alvarez. O impacto das práticas missionárias nas Missões Jesuítico-guaranis: da aldeia guarani ao núcleo urbano colonial. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2011.

RECH, Raquel Machado. Arqueologia urbana no Centro Histórico de Santo Ângelo: a identificação da Redução de Santo Ângelo Custódio. In: Simpósio Internacional IHU – A experiência missioneira: território, cultura e identidade, 12, 2010, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

ROSSI, Elvio Antônio. O sistema urbanístico das missões jesuíticas. HACER - História da Arte e da Cultura: Estudos e reflexões, Porto Alegre, 2016. Disponível em:

<<http://www.hacer.com.br/sistema-urbanistico>>. Acesso em: 25 out. 2024.

SILVA, Jeremyas Machado; SOARES, Luiz Francisco Matias. Arqueologia e educação Patrimonial nas Missões Jesuíticas: A Experiência em São Miguel e Um Olhar Sobre São Borja. In: COLVERO, Ronaldo Bernardino; MAURER, Rodrigo Ferreira (org.). Missões em Mosaico: Da interpretação à Prática: um conjunto de experiências. Porto Alegre: Editora Faith, 2011. p. 221-229.

SILVA, Jeremyas Machado. A fronteira platina: história e narrativa da Guerra da Tríplice Aliança na obra de Efraím Cardozo “Hace 100 años: crónicas de la Guerra de 1864-1870”. 1ª Edição. Passo Fundo: Acervus, 2023.

ZANZARA - Studio 3D. 1707 - Redução Jesuítica de San Angel Custódio. YouTube, 5 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qM1cIAjRB2g>. Acesso em: 26 de dezembro de 2024.